

POESIA, CRÍTICA E MEDIAÇÃO

Poetry, criticism and mediation

Valdir Prigol*

RESUMO

Um sintoma do presente é a quantidade de coleções organizadas em torno da apresentação de poetas e ficcionistas. Estas coleções parecem partir da imagem de um leitor estrangeiro aos autores apresentados. Por isso, constituem-se como guias, manuais, roteiros de leitura. A coleção *Ciranda de Poesia*, da Editora da UERJ, publicou um livro de Susana Scramin sobre o poeta Carlito Azevedo em que a apresentação do poeta parte de uma imagem recorrente em sua obra: a frequentação. Este texto recompõe o método adotado pela autora e alguns textos do autor para mostrar como eles propõem a frequentação como forma de aproximar o leitor dos poemas do autor e dele mesmo.

Palavras-chave: *apresentação; poesia; imagem; frequentação; leitura; mediação.*

ABSTRACT

A symptom of the present days is the amount of collections organized around the presentation of poets and fictionists. These collections appear to come from the image of reader who is an outsider with respect to the presented authors. Therefore, they end up being guides, manuals, guidelines for reading. The collection *Ciranda de Poesia*, by UERJ publishing house, released a book by Susana Scramin about Carlito Azevedo in

* Professor do curso de Letras e do Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Possui graduação em Letras, Mestrado em Comunicação Social e Doutorado em Literatura. Publicou: *Leituras do presente* (2007) e *Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários* (2010).

which the presentation of the poet comes from a recurring image in his work: frequentation. This text reconstructs the method adopted by Susana Scramim as well as some texts by Carlito Azevedo to show how they propose frequentation as a way of approximating the reader to the poems by the writer and to the writer himself.

Keywords: *presentation; poetry; image; frequentation; reading; mediation.*

1. O LEITOR ESTRANGEIRO

Como em “Noturno arrabaleiro” (“Os grilos... os grilos... Meu Deus, se a gente/ Pudesse/ Puxar/ Por uma/ Perna/ Um só/ Grilo./Se desfiariam todas as estrelas”), de Mario Quintana (QUINTANA, 2008, p. 151), ler um livro como o de Susana Scramim sobre a produção de Carlito Azevedo, publicado na coleção *Ciranda de Poesia* da Editora da UERJ, parece abrir a possibilidade de desfiar um sintoma: a publicação de coleções de livros dedicadas à apresentação individual de poetas e ficcionistas para um público mais amplo do que o acadêmico. Além da coleção da EDUERJ, a da Editora Globo – *Por que ler* – segue este mesmo caminho. As escolhas são diferentes, mas o sintoma parece ser o mesmo: é preciso ou é possível ou há demanda para a publicação de apresentações de autores como uma forma de aproximar leitores e textos.

As linhas iniciais do livro de Susana Scramim parecem falar um pouco desse gesto: “Em 1961, entre as duas primeiras viagens na órbita da Terra, a do russo Yuri Gagarin em 12 de abril, a partir da qual temos a notícia de que ‘A Terra é azul’, em 5 de maio, a do norte-americano Alan Shepard, e a construção do Muro de Berlim, que teve seu início em 13 de agosto, nasce a 4 de julho na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Carlito Azevedo.” (SCRAMIM, 2010, p. 7). A distância temporal mas especialmente a espacial, o fato de começar do alto, distante, até chegar ao poeta do qual vai falar (em um movimento *sublunar*), oferece uma imagem potente para pensar obras desta natureza – a ideia de um leitor estrangeiro aos textos do autor ao qual ele será aproximado. Noção que podemos ver na coleção de livros da Civilização Brasileira, nos anos de 1960, que inclui obras sobre Brecht e Marcuse, por exemplo, da Agir, com a edição e agora reedição da *Nossos Clássicos* ou até mesmo em coleção que tinha em vista um público eminentemente escolar como *Literatura Comentada*. A sobrevivência deste modo de mediação parece reforçar a ideia de um leitor estrangeiro, no caso da coleção em que está o livro de Susana, especialmente em relação aos autores contemporâneos.

Sem retomar o tópico reiterado constantemente da distância entre o leitor e a poesia, presente recentemente em textos de Ricardo Domeneck ou em *Aqui América Latina*, de Josefina Ludmer, a sobrevivência deste modelo parece apontar uma outra possibilidade para o exercício da crítica: a aproximação entre obras e leitores. Ainda que a partir da sobrevivência do autor como dispositivo de mediação. E é por isso, pelas questões envolvidas nesse gesto, que pensei em iniciar uma pesquisa sobre as formas de escrita da crítica que busca essa aproximação. O livro de Susana Scramim nos oferece um ótimo começo.

2. FREQUENTAR O TEXTO

O modo como o livro de Susana está composto é importante. Por isso, retomo rapidamente a sua estrutura: um resumo biográfico, informações sobre as obras do autor enquanto poeta, editor e condutor de oficinas literárias, as críticas à poesia do autor e uma antologia comentada de alguns poemas. Partindo da noção de que a “ideia se movimenta em direção às coisas”, Susana se movimenta e movimenta o leitor para uma frequência dos textos do autor.

Essa compreensão é importante porque, na introdução do livro, os dados biográficos são mínimos, suficientes para marcar as lições aprendidas por Carlito Azevedo no diálogo com outros poetas e autores na construção de sua voz. A ideia de lição é capital para o texto de Susana porque surge aí, também, a proposta de que a poesia de Carlito constitui-se nesse diálogo e, como aponta a autora, é uma poesia *à maneira de*. Não como paródia, tradução, pastiche mas sim “enquanto uma ação, uma posição frente aos textos e à literatura” (SCRAMIM, 2010, p. 10). O poeta constitui-se, nesta leitura, como o frequentador de outros textos. Não só textos, porque *à maneira de* lembra-nos também a pintura, desejo inicial de Carlito, e estende-se na poesia do autor a um espectro amplo de imagens (fotografia, fotonovela, cinema).

É a partir desta noção, da poesia como *à maneira de*, aproximando os textos de Carlito ao diálogo com Baltasar Gracián e Mario Perniola, é que os livros do autor são apresentados. De *Collapsus Linguae*, passando por *As banhistas*, *Sublunar*, até *Monodrama*, a poesia de Carlito Azevedo produz-se na frequência de textos e imagens, colocando em cena um “conhecimento dado pelo evento – evento esse que proporciona a aparição das coisas, diga-se, do ser como fantasma, como imagem” (SCRAMIM, 2010, p. 23). É daí que surge, como diz uma autora retomada por Susana, “o mundo como vertiginosa superfície cromática” (MENEZES, in: AZEVEDO, 2001, orelha). É como se da

frequentação de outros textos o poeta trouxesse imagens para o seu poema, dispostas em “relação de subordinação” em que o mundo construído para a frequentação do leitor fosse feito da aproximação de “superfícies/ imagens” (ou restos do mundo lírico).

3. A EDIÇÃO E A OFICINA COMO ESPAÇOS DE FREQUENTAÇÃO

O fato de pensar como parte da obra de Carlito o seu trabalho como editor e como condutor de uma oficina de poesia é um ganho para o trabalho da autora porque mostra como estas atividades dialogam com a produção poética.

Carlito Azevedo assume em 1997 a edição da revista *Inimigo Rumor*, usando como apresentação uma carta de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector falando do projeto de uma futura revista de poesia. Este gesto foi lido por muitos (pelo que diz a carta em relação à futura revista nominada como Antologia) como uma pedagogia da eleição. Mas Susana mostra que eleger, para João Cabral e para Mario Perniola, é antes um gesto de aprendizado, porque, como diz um verso do poema do autor pernambucano citado pela autora, “para aprender da pedra, frequentá-la”.

Frequentar, como lemos no dicionário, possui sentidos como “ir muitas vezes, repetidamente, a um lugar”, “viver na intimidade de, conviver com”. Se estes sentidos lançam uma pequena luz no modo de composição dos poemas de Carlito, o fazem também para o trabalho do autor como editor. Como diz Susana: “Estamos diante de uma pedagogia do ‘frequentar’ as coisas.” (SCRAMIM, 2010, p. 37).

A leitura de qualquer número da revista *Inimigo Rumor* coloca o leitor diante da experiência de frequentar em um mesmo espaço poemas de autores consagrados, de novos poetas, de teorias sobre poesia, de traduções, de ensaios sobre poetas específicos, entrevistas. Em palestras e entrevistas Carlito tem reiterado o desejo, a partir deste projeto editorial, de colocar o leitor diante de uma montagem que dê visibilidade ao que ele não está esperando. Há ainda, como ele mesmo diz, um desejo de pensar a história da poesia de um outro modo para que o leitor a frequente de uma forma “inérita”.

Por isso, o suporte e a “identidade” da revista e de outros projetos pensados por Carlito são relativizados. Depois do número 20 da revista *Inimigo Rumor* ele diz que poderia pensar em um número editado em cd. Ou a revista que ele criou para ser enviada por e-mail (*O Quarto-Zaguiro*). A forma de lidar com a “identidade” das revistas é no mínimo inusitado ao ir contra a corrente editorial (e mercadológica) de padronizar os formatos e os

suportes. Aqui é importante lembrar o que Susana diz em relação à ideia do eleger vinculada ao aprender e não ao escolher. Convite ao aprender, ao frequentar, que também está presente na coleção de livros de poesia *Às de colete*, que de algum modo parece funcionar como seção da revista *Inimigo rumor*.

Quem lê as dez lições da *Oficina de poesia* conduzida virtualmente por Carlito Azevedo no Portal Literal, entre 2005 e 2006, percebe que elas, como diz Susana, não “ensinam” nada. Funcionam quase como antilições se as compararmos com outras similares. As dez lições constituem-se em uma oficina de frequência porque, como cada uma se organiza a partir de um tema, este tema serve para o autor produzir uma “antologia” de poemas sobre ele e comentá-los, convidando o leitor a frequentá-los. A oficina 2, por exemplo, que fala da presença do eu no poema, é o espaço para apresentar textos de Sebastião Uchoa Leite, Carlos Drummond de Andrade, César Vallejo, Paulo Leminski, Eudoro Augusto, Aníbal Cristobo, João Cabral de Melo Neto, Francisco Alvim, Michael Palmer, Federico García Lorca, Cacaso, Borges. E os “exercícios” reiteram a ideia da *maneira de*, da frequência, como vemos proposto no final da oficina 1: “Pegue um poema de algum poeta de sua preferência e insira nele uma estrofe inteira de sua autoria... depois, pegue sua estrofe e faça o seu próprio poema... podemos considerar que os poetas nascem uns dos outros, e que do casulo de um sai a borboleta do outro... Não se prenda a questões como ‘angústia da influência’, ‘atentado à originalidade’... tente só se divertir um pouco...”.(AZEVEDO, 2006, p. 6).

4. FREQUENTAR A CRÍTICA

Se, como diz Susana, a obra de Carlito é conduzida por uma noção de “beleza elegante, aquela que não elege”, é esta mesma noção que a autora coloca em cena ao comentar as críticas já produzidas sobre a obra de Carlito Azevedo. Aqui é possível observar como, depois de apontar a singularidade da produção do poeta, ela exhibe a multiplicidade de leituras que essa poesia tem sem eleger a sua linha preferida. Inclusive cita-se, junto com os demais, como leitores construindo hipóteses. Esse modo de apresentar a crítica parece um convite para o leitor frequentá-la, conhecê-la, elaborar suas conclusões, ou melhor, ler a singularidade da produção poética a partir da sua multiplicidade.

O gesto operado por Susana é relevante porque mimetiza, de algum modo, o trabalho que ela está comentando e não decide pelo leitor. Gesto, pode-se dizer, contrário à prática corrente que decide o sentido antecipadamente sem necessariamente convidar para a “frequência” ou exigir a leitura dos textos comentados.

5. FREQUENTAR OS POEMAS

O livro de Susana Scramim encerra-se com uma pequena antologia. Como ela diz, “Tentei libertar os poemas das suas marcas de uso, justamente mediante a radicalização do seu uso, ou seja, transformando-os em objeto de meu uso, e assumindo isso como procedimento de minha leitura. Os poemas foram selecionados sem observar tipologia alguma. São, ao contrário, fruto de um olhar ardente e persistente, já que não é a primeira, quiçá nem a última, vez que leio, falo e escrevo sobre esses mesmos poemas.” (SCRAMIM, 2010, p. 60) Esta tentativa de “libertar os poemas das suas marcas de uso” e colocá-los para o leitor em uma nova organização para que ele também faça uso parece ter um nome: frequência. A escolha dos três eixos para apresentar e comentar alguns poemas dizem bem deste gesto: 1. As passagens, 2. A experiência do outro, 3. A poesia e seus monumentos.

A antologia inicia justamente com três poemas em que aparece a noção de abertura, do abrir-se do poema para a entrada do leitor, mostrando como a frequência pode ser um elemento inerente aos próximos poemas.

Vejamos o primeiro poema apresentado:

Os pés premindo
a inexistente relva do asfalto
duro da rua sem vida a não ser a
que lhe dá quando subitamente cruzas
o espaço e somes num átimo deixando
entretanto no ar qualquer coisa de tão
botticelliano quanto num crepúsculo mediterrâneo
uma colhedora de mimosas a que um
homenzinho cedesse a passagem
à espera (desesperada)
de um sorriso. (AZEVEDO *apud* SCRAMIM, 2010, p. 62).

O poema, na sua aparente imobilidade, pode deslocar o leitor do “asfalto/ duro da rua sem vida” para “uma colhedora de mimosas”. Esta passagem se dá num “átimo”, “subitamente”. Este “subitamente” está espalhado nos poemas com outros nomes e, como mostra Susana, é o momento em que a frequência torna-se passagem, experiência, ao deter o tempo e conduzir o leitor para outras temporalidades. O limiar é o colapso, o acidente, o relâmpago, como em um poema tão revisitado por Carlito, “A passante”, de Baudelaire. Poema que, como diz Didi-Huberman, é a “imagem que passa como um relâmpago” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 116). Parece que é neste momento fugaz, breve, em que o tempo é imobilizado, que se dá a abertura para a frequência do leitor.

Mas como é esta frequentação à imagem que passa como um relâmpago?

A leitura do segundo poema escolhido por Susana pode nos oferecer uma resposta:

ABERTURA

Desta janela
domou-se o infinito à esquadria;
desde além, aonde a púrpura sobre a serra
assoma como fumaça desatando-se da lenha,
até aqui, nesta flor quieta sobre o
parapeito – em cujas bordas se leem
as primeiras deserções da
geometria. (AZEVEDO *apud* SCRAMIM, 2010, p. 63)

O uso dos pronomes como “desta”, “desde além”, “até aqui”, espacializa esta imagem da flor no parapeito da janela, criando, como na temporalização, um movimento. A utilização desses dois processos acaba propondo uma perspectivação das imagens, criando uma abertura para que o leitor se movimente por entre elas, como lemos em outro poema do autor “Ao rés do chão”: “mobilidade fixa, a poesia”. A partir de um acidente, de um colapso, de um relâmpago, de “um ponto que se congela”, o leitor é guiado pela imagem e suas diferentes temporalidades, como lemos em um trecho de “Ao rés do chão”:

[...] Num poderoso instante
um ponto se congela e, circundante,

tudo passa a fluir lento, arrastado,
e à volta desse círculo um mais largo

se abre onde prossegue normalmente
a vida e seu caudal; mais abrangente

há outro aonde tudo é tão veloz
que nem o percebemos.” (AZEVEDO, 2001, p. 18).

De qualquer modo, é um guia que aproxima superfícies, coloca-as no não saber. Não as explica.

A frequentação a estes poemas, o modo como cria uma abertura para o leitor e o guia pelas imagens mostra a sobrevivência de um gesto

que está na *Divina Comédia*, de Dante. E esta sobrevivência do lírico em sua origem (como diz Eduardo Sterzi) está em “O tubo”, por exemplo, poema de Carlito Azevedo em três partes, assim nominadas: Paraíso, Purgatório, Inferno. Os três tempos da imagem, poderíamos dizer? E veja como ele abre(-se):

O TUBO

Parte 1: Paraíso

Foi quando a luz
voltou e vimos
o rosto da jovem
que se picava junto
à mureta do Aterro,
a camiseta salpicada,
a seringa suja.” (AZEVEDO, 2009, p. 33)

6. A FREQUENTAÇÃO É RISCO

A pertinência do modo como o livro de Susana sustenta a apresentação da obra de Carlito Azevedo a partir da ideia de frequentação pode ser vista em um desdobramento posterior ao livro: a criação da página *risco* de Carlito Azevedo, no suplemento *Prosa & Verso*, do jornal *O Globo*. A página consiste na publicação de poemas antecidos de breves comentários. Na primeira edição, a página está dividida em duas partes: na primeira há 3 poemas da (novíssima) poeta Laura Luzzi e o comentário “Microcâmeras do espírito” e a tradução de um poema do polonês Zbigniew Herbert e o comentário “A tradução é necessária”. João Cezar de Castro Rocha, em seu livro *Crítica literária: em busca do tempo perdido?*, aproxima a página de Carlito Azevedo com a de Mário Faustino, *Poesia-Experiência*, publicada no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, nos anos 50. De fato, o que as aproxima enquanto projeto é a compreensão do trabalho crítico como convite à frequentação. Por isso, os comentários são curtos e o número de poemas generosos. A página lembra também a experiência do alemão Marcel Reich-Ranicki: “A estrutura é a mais simples possível: reproduz-se um poema seguido de uma breve apresentação” (CASTRO ROCHA, 2006, p. 1).

É, ainda, a ideia de relâmpago, de pequena luz que parece orientar a página. Como diz Carlito: “Esta página onde se vai ler poesia pretende ser uma transparência através da qual se possa ver o mundo”. (AZEVEDO, 2011, p. 3) Se transparente é, como diz Perniola, “[...] um corpo que faz

passar a luz através de si” (PERNIOLA, 2010, p. 105), essa experiência de mediação é dinâmica, marcada pelo trânsito, pelo enigma, pela propagação da luz (PERNIOLA, 2010, p. 107). Uma experiência da graça, da delicadeza e da discrição, presentes na composição da página. Risco, assim, pode ser encontrar os poemas certos para construir essa “transparência” para que o leitor “possa ver o mundo”, risco também pelo gesto anacrônico de ir contra a corrente da crítica (comentar poemas), risco também proposto para leitor ao convidá-lo para a frequentação dos poemas, das passagens, da experiência com o outro. Experiência que o texto frequentado abre para o leitor. Como diz o início do poema de Laura Luzzi comentado por Carlito Azevedo:

teu lar,

Lendo teu livro
 revisei os fundos da casa
 encostada na rocha crua
 onde primeiro vi
 o passeio aflito
 de um camaleão”. (LUZZI *apud* AZEVEDO, 2011, p. 3)

Na abertura da coluna “A tradução é necessária” o poeta reitera o gesto da *maneira de*, da frequentação, ao aproximar a sua página de uma outra, a de Rubem Braga: “Herbert, que não tem livro publicado no Brasil, foi nossa escolha para inaugurar a coluna ‘A tradução é necessária’, com a qual prestamos homenagem à celebre seção ‘A poesia é necessária’, editada durante um bom tempo por Rubem Braga nas páginas da revista Manchete”. (AZEVEDO, 2011, p. 3).

7. O PAPEL DA APRESENTAÇÃO E O LEITOR ESTRANGEIRO

O livro escrito por Susana Scramim sobre Carlito Azevedo abre possibilidades para pensar a produção do poeta, mas, principalmente, aponta o potencial da apresentação como guia para frequentação ao trabalho de um autor ou de uma obra. Não é um livro sobre a frequentação ou sobre a mediação mas faz as duas coisas com louvor e por isso nos leva a pensar nas estratégias de aproximação entre obras e leitores. O trabalho prevê o “leitor estrangeiro” e elege a frequentação para que ele se sinta em seu “próprio país”, em sua “própria língua”.

O livro de Susana abre um campo de trabalho pouco visitado pela crítica – a pesquisa sobre literatura e mediação cultural. Abre porque o seu livro chama para questões mais amplas, que espero desenvolver em outros trabalhos, como: a aproximação entre um leitor e um texto é sempre, necessariamente, mediada? A crítica, tal como exercida nos trabalhos de apresentação, poderia circular em outros espaços (acadêmicos)?

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Carlito. *Sublunar*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- _____. *Oficinas poéticas*. Disponível em: <<http://www.literal.com.br/oficina/oficina-poetica-on-line>>. Acesso em: 08/05/2006.
- _____. *Monodrama*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- _____. Risco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2011. Prosa & Verso, p. 3.
- CASTRO ROCHA, João Cezar de. Literatura, crítica literária e a imprensa. Hoje? *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 jan. 2006. Prosa & Verso.
- _____. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
- PERNIOLA, Mario. *Enigmas: egípcio, barroco e neobarroco na sociedade e na arte*. Chapecó: Argos, 2009.
- _____. *Desgostos*. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.
- QUINTANA, Mario. *80 anos de poesia*. Rio de Janeiro: Globo, 2008.
- SCRAMIM, Susana. *Literatura do presente*. Chapecó: Argos, 2007.
- _____. *Carlito Azevedo*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.
- STERZI, Eduardo. *A prova dos nove*. Alguma poesia moderna e a tarefa da alegria. São Paulo: Lumme, 2008.

Submetido em: 08/05/2012

Aceito em: 09/10/2012